

# NO CHÃO DA FÁBRICA: AS TRABALHADORAS DAS INDÚSTRIAS CERÂMICAS DE CRICIÚMA (1970-1990)

ON THE FACTORY GROUND: THE WOMEN IN  
CERAMICAL INDUSTRIES FROM CRICIÚMA  
(1970-1990)

**João Henrique Zanelatto**

Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Michele Crispim Baum**

Rede Pública Estadual de Ensino SC

**Correspondência:**

Departamento de História

Avenida Universitária, 1105, Universitário Criciúma - SC, 88806-000

E-mail: [jhz@unesc.net](mailto:jhz@unesc.net) / [Michele.baum@bol.com.br](mailto:Michele.baum@bol.com.br)

**Resumo:** O artigo aborda as experiências das trabalhadoras de Criciúma nas indústrias de revestimentos cerâmico durante as décadas de 1970 e 1990. Foi destacada a diversidade de experiências vivenciadas por estas mulheres no interior das fábricas. Evidenciou-se o quanto significativo foi o trabalho exercido por essas mulheres no processo de formação e consolidação do setor cerâmico em Criciúma e como o avanço tecnológico eliminou um maior número a mão-de-obra feminina. As estratégias de resistências diante do controle e as relações com o sindicato da categoria também foram objeto de análise.

**Abstract:** this article discusses the experiences of workers from Criciúma in industries of crickhowell ceramic coatings during the decades of 70 th's and 90 th's. Sought to show the diversity of experiences by this women's inside the factories. It became clear how significant was the work done by these women in process of formation and consolidation of the ceramic industry in Criciúma and technological advancement in greater numbers to eliminate labor feminine. The strategies of resistance to control and relations with the labor union were also subject analysis.

**Palavras-chaves:** Gênero; Trabalho; Experiência.

**Keywords:** Genre; Work; Experience.

## Introdução

A cidade de Criciúma, situada no Sul Catarinense a duzentos quilômetros da capital, é atualmente reconhecida como um pólo cerâmico nacional. As empresas deste setor contaram com a mão-de-obra feminina para sua consolidação na região. Apesar da significativa participação da mulher no "chão da fábrica" desde a formação das primeiras indústrias de revestimentos cerâmicos na cidade, no final da década de 1940, observa-se a invisibilidade desta força de trabalho na historiografia. Portanto, o artigo tem por objetivo recuperar as experiências<sup>1</sup> das trabalhadoras das Cerâmicas da cidade de Criciúma durante as décadas de 1970 e 1990.

Nesse artigo utilizamos a categoria gênero<sup>2</sup> para o estudo das mulheres trabalhadoras nas indústrias de revestimentos cerâmicos de Criciúma, visto que esta força de trabalho foi significativa desde o final da década de 40 até o início dos anos 1990. O estudo contribui para a reflexão de algumas questões, entre elas: Como eram definidas as funções exercidas por homens e mulheres dentro das fábricas? Quais eram as justificativas utilizadas para a divisão sexual do trabalho? Que experiências foram vivenciadas pelas trabalhadoras dentro do espaço das fábricas? Como a categoria de gênero poderia ser utilizada para compreender a eliminação em maiores proporções da mão-de-obra feminina do que a masculina, após o avanço tecnológico por qual passou as indústrias cerâmicas? Como eram as relações entre homens e mulheres nas fábricas? Elucidar essas questões constitui-se de uma contribuição relevante para reconhecer e dar visibilidade a esta categoria de mulheres trabalhadoras das cerâmicas, inserindo-as como sujeitos da história.

Em relação às fontes<sup>3</sup>, utilizou-se da metodologia de trabalho com a fonte oral. Foram utilizadas cinco entrevistas, sendo quatro com trabalhadoras das indústrias cerâmicas e uma com o presidente do sindicato representante da categoria. Além da fonte oral, buscou-se pesquisar nos jornais de circulação na cidade de Criciúma durante as décadas de 70 e 80; em 68 fichas de admissão (36 de mulheres e 32 de homens) dos arquivos da Cecrisa Revestimentos Cerâmicos; uma Ata do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário de Criciúma, referente à assembléia geral realizada para discussão do dissídio coletivo em novembro de 1987 e na produção da historiografia local.

Conforme Mary Del Priori, o uso apenas do sexo masculino na escrita da história, tornou as mulheres "herdeiras de um presente sem passado, de um passado

---

<sup>1</sup> THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981.

<sup>2</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-95.

<sup>3</sup> THOMPSON, Paul. OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. *A voz do passado*. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

decomposto, disperso, confuso.”<sup>4</sup> Elisabete Souza Lobo ao analisar as limitações das produções sociológicas a respeito das condições operárias femininas no Brasil explica que: "nada mais fazemos do que reproduzir uma tendência do discurso sociológico em tratar sempre dos operários ou da classe operária sem fazer referência ao sexo dos atores sociais".<sup>5</sup>

Para romper com o silêncio do trabalho desempenhado por estas mulheres nas indústrias de revestimentos cerâmicos de Criciúma e região, e para uma melhor compreensão do texto pelo leitor, organizou-se o artigo da seguinte forma: 1) contextualização do processo de formação e crescimento do setor em Criciúma e região; 2) apontou-se para crescimento da mão de obra feminina no setor, as narrativas das trabalhadoras sobre o processo de modernização das cerâmicas e os discursos sobre a diminuição da mão de obra feminina; 3) traçou-se um perfil das trabalhadoras das cerâmicas; 4) destacou-se os tipos de trabalhos desenvolvidos pelas mulheres e homens no chão da fábrica e os discursos sobre a delicadeza feminina e a força masculina; 5) abordou-se as formas de controle empreendidas pelas indústrias e as estratégias de resistência articuladas pelas trabalhadoras; 6) por fim, foi analisado a relação das trabalhadoras com o sindicato.

### **Crescimento da indústria de revestimentos cerâmicos em Criciúma**

A história da indústria de revestimentos cerâmicos em Criciúma teve início no ano de 1947 com a criação da Cerâmica Santa Catarina Cesaca, formada por 16 sócios (todos exceto Del Priore pertenciam a famílias de Criciúma). Produzia inicialmente louças de mesa, passando para a fabricação de azulejos e louças sanitárias no começo dos anos 50. Na década de 50 foram fundadas as cerâmicas: Ceusa (Cerâmica Urussanga S.A. Indústria e Comércio) em 1953, na cidade de Urussanga e a Cerâmica Cocal Indústria e Comércio Ltda (futuramente Cerâmica Eliane) em 1954, no distrito de Cocal do Sul. Ao longo da década de 60 foram criadas a Cecrisa (Cerâmica Criciúma S. A.) em 1966 e a Incocesa (Indústria e Comércio de Cerâmica S.A.) em 1969<sup>6</sup>

Favoreceram a instalação da indústria de revestimentos cerâmicos na região: abundância e qualidade de matéria-prima mineral básica para a produção de revestimentos (argila, caulim, calcário e quartzo) na região, a constituição de empresas complementares, fabricantes de equipamentos, fornecedoras de matérias-primas e mão-de-obra disponível.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> PRIORI, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César de.(org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 116.

<sup>5</sup> LOBO, Elisabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense/SMC-SP, 1991, p. 151.

<sup>6</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica da Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

<sup>7</sup> SANTOS, Maurício Aurélio dos. *Acumulação, Geração de Emprego e diversificação da economia: carvão, cerâmica e indústria de plástico*. USP. Tese de doutorado em História, 2002.

Na década de 70 se amplia o parque cerâmico, com a criação da Cerâmica Naspolini, a Inpisa, a Incopiso, a Incede, a Cerâmica Sartor, a Vectra, a Recel, a Cerâmica Solar e a Pisoforte e na década de 80, a Cerâmica Eldorado, a De Lucca Revestimentos Cerâmicos Ltda e a Cerâmica Gabriella.

O rápido crescimento na produção de revestimentos cerâmicos ocorrido na década de 70 especialmente em três cerâmicas do Sul Catarinense - Eliane, Cesaca e Cecrisa fizeram a cidade de Criciúma ficar conhecida nacionalmente a partir de 1974 como a capital dos azulejos. "A expansão do setor só foi possível devido ao crescimento acelerado da construção civil nos anos 70..."<sup>8</sup>

No contexto nacional, durante a década de 70 o Brasil vivia sob a égide da ditadura militar. No início desta década o país foi governado pelo general/presidente Emílio Garrastazu Médici que buscou promover o crescimento econômico através do que ficou conhecido como o "milagre brasileiro". Em seu governo a taxa de inflação caiu, o PIB cresceu e o comércio exterior triplicou.<sup>9</sup> Foi neste período, que o BNH (Banco Nacional de Habitação) e o SFH, (Sistema Financeiro de Habitação) criados em 1964, serviram de instrumentos para o aquecimento da construção civil.

Os recursos do BNH provinham do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) como uma poupança compulsória, depositada pelo empregador em nome do empregado, cujo objetivo era financiar a casa própria. O ciclo funcionava com os fundos provindos do FGTS, que eram repassados para o BNH e deste para a construção civil, que por fim refletiu no crescimento e expansão das indústrias de revestimentos cerâmicos no sul catarinense. Além disso, houve repasse de recursos públicos do Estado para o setor cerâmico, absorvendo 9,6% dos investimentos à indústria catarinense.<sup>10</sup>

O dito "milagre brasileiro" serviu mais como uma estratégia de propaganda para a legitimação do regime, pois "esta necessidade de crescimento não encontrava limites nem preocupações com questões como a equidade, ou melhoria das condições de vida da população, a não ser quando isso afetava a segurança do regime".<sup>11</sup>

Na década de 80, a indústria de revestimentos cerâmicos consolida-se e passa por três momentos distintos:

O primeiro, de desaquecimento, no início da década, fruto da crise nacional; o segundo, a partir de 1985, quando o setor consegue burlar

---

<sup>8</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica da Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002, p. 238.

<sup>9</sup> PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O "milagre" brasileiro. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*; v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>10</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica da Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002, p. 239.

<sup>11</sup> PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O "milagre" brasileiro. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*; v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 234.

o período recessivo que provocou o desaquecimento da construção civil e volta a crescer a índices superiores a 10% ao ano; E nesse período que o setor volta-se para o mercado externo (em 1988 exportou 10% da produção para Estados Unidos, Canadá e Europa). O setor na região Sul de Santa Catarina, em dezembro de 1989, deu férias coletivas para os seus empregados, pois vinha operando dentro de uma faixa inferior a 60% da sua capacidade.<sup>12</sup>

A exportação foi à alternativa encontrada pelo setor para sair da crise ocasionada pela extinção do BNH, em 1986, e a recessão da era Collor no início dos anos 90. A exportação exigiu a incorporação de novas tecnologias que incluiu a certificação de qualidade do produto a partir das normas ISO. Este processo foi necessário para dar condições de concorrência com o mercado internacional.

Em relação à mão-de-obra, o crescimento significativo na oferta de empregos aconteceu durante a década de 70 através do processo de ampliação do parque cerâmico com a criação de novas indústrias, como já citado anteriormente, passando de 1.528 empregos diretos em 1970 para 7.230 em 1978.<sup>13</sup> Em meados da década de 80, o setor chegou a assumir a segunda posição na região de maior empregador de mão-de-obra, expandindo-se até 1989.<sup>14</sup>

Analisando jornais de circulação do município de Criciúma durante as décadas de 70 e 80, pode-se perceber em seus discursos a imagem construída sobre o setor cerâmico. Assim, em 1971 o Jornal Tribuna Criciumense destacava em suas páginas as vantagens econômicas geradas pela Cerâmica Cecrisa, "a Cecrisa colabora por sua parte, na luta pelo aproveitamento da mão-de-obra ociosa existente em proporções alarmantes em Criciúma. Já de início ela está empregando 200 operários em funções variadas."<sup>15</sup> No início dos anos 80 o jornal correio do Sudeste abordava a implantação de uma nova cerâmica na cidade. O referido periódico ressaltava a importância da implantação de uma nova cerâmica para amenizar os problemas com o desemprego.

Só a ampliação do atual mercado de trabalho do município, já define a real importância desta nova cerâmica. A absorção de mão-de-obra, por exemplo, é um fator de mais alta relevância, porque contribuirá decisivamente para a minimização dos problemas sociais gerados quase sempre pelo desemprego.<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> SANTOS, Mauricio Aurélio dos. *Crescimento e crise na região sul de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1997. p. 77.

<sup>13</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica da Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

<sup>14</sup> SANTOS, Mauricio Aurélio dos. *Crescimento e crise na região sul de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1997.

<sup>15</sup> Tribuna Criciumense, 30/04/1971, p. 11.

<sup>16</sup> Correio do Sudeste, 02/02/1980.

Observa-se nas matérias veiculadas pela imprensa local, uma expectativa positiva em relação ao setor cerâmico vinculado a possibilidade de geração de empregos, visto que o desemprego era citado como um fator preocupante para a cidade.

No cenário nacional, o desemprego foi um dos sintomas da crise pelo qual o país atravessou nos anos 80 e início dos 90. De maneira geral na historiografia, são comumente arroladas duas explicações para a crise experimentada pelo país no período. "...o esgotamento do projeto de desenvolvimento implantado no país a partir da década de 1930 e a falta de um novo projeto nacional."<sup>17</sup>

Este projeto de desenvolvimento, "estava centrado na industrialização por substituição de importações. Tinha o Estado como principal indutor de desenvolvimento e foi financiado basicamente pelo Estado e pelo capital estrangeiro."<sup>18</sup> O direcionamento de investimentos por parte dos bancos estrangeiros para os três maiores centros econômicos do mundo (EUA/Canadá, Europa e Japão) levou a falência do Estado. A indústria que até então contava com os investimentos do Estado, ficando de certo modo acomodada e estagnada, não teve condições de concorrer no mercado internacional. Como o país não possuía um novo modelo de desenvolvimento, o resultado de todo este processo na conjuntura nacional, foram de profunda recessão, alta inflação e agravamento dos problemas sociais.<sup>19</sup>

Esta crise refletiu profundamente na economia local. "Este era o cenário de Criciúma no final dos anos 80 e início dos anos 90: desemprego e subemprego em massa".<sup>20</sup> Sem o protecionismo do Estado, o setor carbonífero e cerâmico entrou em crise. Referindo-se ao setor cerâmico, Teixeira faz a seguinte análise:

Tal como a mineração, a indústria cerâmica dependia da política governamental: um maior ou menor incremento na construção civil, a execução ou não de programas habitacionais, a abertura ou fechamento do mercado externo - todas as decisões tomadas na esfera federal, isto é, no âmbito do Estado, refletiam diretamente no setor cerâmico.<sup>21</sup>

O resultado da recessão para o setor foi um grande número de demissões. Mesmo havendo crescimento na produção e recuperação ocorrido entre os anos de 1993 e 1994, isto não representou aumento na oferta de trabalho, pelo contrário, o processo de modernização das unidades industriais resultou na diminuição de trabalhadoras, trabalhadores e salários. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário de Criciúma, Sr. Itaci de Sá, "o avanço tecno-

---

<sup>17</sup> BRUM, Argemiro J. A "década perdida": a crise dos anos 80. In: *Desenvolvimento econômico brasileiro*. 20 ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 1999, p. 425.

<sup>18</sup> Idem, p. 426.

<sup>19</sup> Idem, p. 426.

<sup>20</sup> TEIXEIRA, José Paulo Teixeira. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996. p. 75

<sup>21</sup> Idem, p.74.

lógico reduziu muito a mão-de-obra, aumentou a produção e a exigência de uma melhor qualificação dos trabalhadores."<sup>22</sup> A oferta de empregos nos anos 90 ocorreu devido ao surgimento de novas indústrias de revestimentos cerâmicos de pequeno e médio porte como: a Moliza, Gabriella, Solar, Aurora e a reabertura da Pisoforte em 1991.<sup>23</sup> Em síntese, este foi o processo de formação, ampliação e consolidação das indústrias cerâmicas do sul catarinense.

### **Era diferente, bem diferente...**

Na época que eu peguei lá, em 78, era mais difícil pra trabalhar lá. O cestone era de carrinho, não era como agora, era mais difícil. Na Cesaca não tinha forno elétrico, era a gás. Era diferente, bem diferente. Tinha que tirar as placas de cestone do forno e botar nos cestones tudo de volta. Depois a gente tinha que tirar tudo do cestone pra classificar.<sup>24</sup>

Maria Salete começou a trabalhar na Cesaca no ano de 1978, como auxiliar de escolha. Neste período o processo de fabricação dos azulejos era manual e a escolha dos revestimentos era feita em cima de uma mesa, sendo que os azulejos eram colocados em um dos braços e as mãos serviam para separá-los e classificá-los entre as categorias A, B e C. Maria Salete permaneceu na Cesaca até o ano de 1981. Em 1985, já na Cecrisa, na mesma função de auxiliar de escolha, explica que o processo permanecia manual, mas percebia algumas mudanças em relação ao seu trabalho. "*Depois já aqui na Cecrisa foi melhor. Já tinha uniforme, a gente tinha as luvas, porque os azulejos eram quentes. Fizeram umas luvas de couro e pra classificar era com os azulejos frio. Já sai frio. Mudou bastante...*"<sup>25</sup>

Em 1993 retornou para a Cesaca, agora na função de operadora e nesse contexto o processo de fabricação dos revestimentos já havia se modificado, os azulejos vinham para a escolha em esteiras, não mais em carrinhos. Em sua narrativa Maria Salete, demonstra como via o processo de modernização: "*Era tudo rápido, porque no manual era mais lento. A gente tinha que dar conta da produção. Depois não, tu tinhas que dar conta da máquina, aí é mais rápido.*"<sup>26</sup>

Terezinha Garcia, também trabalhadora da cerâmica Cesaca de 1987 a 1995, na função de auxiliar de escolha, via nas mudanças melhorias na qualidade de traba-

---

<sup>22</sup> SÁ, Itaci de. Entrevista realizada pelo Grupo de Pesquisa História Econômica do Sul Catarinense (UNESC), em agosto de 2003.

<sup>23</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica da Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

<sup>24</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

<sup>25</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

<sup>26</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

lho. "Quando a Cecrisa foi evoluindo, entrou a ISO 9002, a ISO 9014, então foram coisas que só trouxe benefício. Tinha plano de saúde, a gente tinha psicólogo, tinha médico ali a disposição...."<sup>27</sup> O que estas trabalhadoras não percebiam, é que num futuro bem próximo, os avanços como a modernização tecnológica, eliminariam em grande parte o trabalho realizado por homens e mulheres.

Na experiência vivida por estas mulheres, as dificuldades em trabalhar diante das novas tecnologias foram percebidas através das lembranças de Terezinha.

Quando eu cheguei lá na Eldorado, eu fui cuidar do pulmão, que eu não sabia o que era. Na Eldorado e na Portinari, da esmaltadeira, eles vão para um carrinho, que ali tem um monte de prateleira e os ajulejos ficam ali para esfriar. Aí vamos supor, tem cinco carrinhos, aí enche aqueles carrinhos que se chamam pulmão e vão entrando no forno. Aí me jogaram naquele pulmão, me colocaram no pulmão. A guria que trabalhava comigo disse assim: - Aqui é o botão para subir e esse aqui é o outro para descer.

Quer dizer, eu tinha que operar uma máquina enorme, um painel enorme, onde eu ia comandar os carrinhos todos. Quer dizer que além de tudo, sem eu nunca ter mantido contato com um computador. Fiquei porque tinha que ficar, mas não gostava.<sup>28</sup>

Observa-se quando diz "me jogaram naquele pulmão", o grande desafio para Terezinha e certamente para muitas outras trabalhadoras, foi lidar com a modernização do trabalho dentro da fábrica, resultando em sua saída da cerâmica.

Reunindo os poucos dados obtidos, acerca da representação da mão-de-obra feminina e masculina no setor (pois não havia preocupação por parte das empresas, nem dos sindicatos, tanto das trabalhadoras e trabalhadores, quanto patronal de arquivar estes dados), percebe-se que a redução do número de funcionários em consequência da inovação tecnológica afetou muito mais as mulheres do que os homens.

De acordo com o presidente do Sindicato das trabalhadoras e dos trabalhadores, a mão-de-obra do setor entre 1985 e 1986 era de 50% de mulheres e 50% de homens, com exceção do período noturno, que em virtude da legislação, só trabalhavam homens.<sup>29</sup>

Em seus estudos Maurício Aurélio dos Santos, também faz referência a participação das mulheres na mão-de-obra das indústrias cerâmicas. No entanto, seus dados diferem dos fornecidos pelo Sindicato Ceramista. Segundo seus estudos, "na primeira metade da década de 1980 o conjunto da mão-de-obra contou com 18,5% de mulheres, subindo para 25,2% na segunda metade, caindo para 24,4% na primeira metade

---

<sup>27</sup> GARCIA, Terezinha. Entrevista realizada em 04/06/06.

<sup>28</sup> GARCIA, Terezinha. Entrevista realizada em 04/06/06.

<sup>29</sup> SÁ, Itaci de. Entrevista realizada pelo Grupo de Pesquisa História Econômica do Sul Catarinense (UNESC), em agosto de 2003.



da década de 1990.”<sup>30</sup> O grupo Cecrisa, de acordo com seus dados, contava com 31% da mão-de-obra feminina em 1986.

O presidente do Sindicato das trabalhadoras e dos trabalhadores justifica a diminuição da mão-de-obra feminina no setor cerâmico dizendo:

...Existe aquele problema de que, não é problema, é uma coisa natural, mas a mulher tem o problema da gravidez, da menstruação, aquele negócio todo. Então o que as empresas fizeram foram eliminando as mulheres desse setor. Foram procurando mais homens, até porque o grande número de pessoas que procuram-se modernizar culturalmente são os homens, porque há uma necessidade de mercado e o homem é o cabeça da casa.<sup>31</sup>

Analisar esta diferença "natural" entre os sexos, citada pelo presidente do sindicato, perpassa pelo conceito de gênero elaborado por Joan Scott, "... o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder."<sup>32</sup> Segundo a autora, o gênero indica "construções sociais", sendo assim, rejeita explicações biológicas para a divisão de papéis entre mulheres e homens.

Ao utilizar o aspecto biológico para justificar a redução da mão-de-obra feminina no setor cerâmico, evidencia a demarcação de dois espaços, o público e o privado.

Diferenças biológicas entre homens e mulheres foram tomadas pelo discurso social para explicar e manter diferenças sociais e profissionais. O espaço privado tornou-se, na verdade, o lugar onde, através do matrimônio e da família, são geradas as condições para as formas desiguais de apropriação do capital cultural, de acesso aos meios de qualificação profissional e aos centros de poder e controle social, entre outras coisas.<sup>33</sup>

Pode-se perceber a divisão dos espaços públicos e privados através das lembranças de Maria Salete, já citada anteriormente, que foi “aconselhada” pelo seu encarregado a deixar a empresa, porque pretendia se casar.

---

<sup>30</sup> SANTOS, Maurício Aurélio dos. *Acumulação, Geração de Emprego e diversificação da economia: carvão, cerâmica e indústria de plástico*. USP. Tese de doutorado em História, 2002, p. 399.

<sup>31</sup> SÁ, Itaci de. Entrevista realizada pelo Grupo de Pesquisa História Econômica do Sul Catarinense (UNESC), em agosto de 2003.

<sup>32</sup> SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre. V. 16, n° 2. p. 5-22. jul/dez. 1990.

<sup>33</sup> ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 43.

...Não era só pra moça solteira, só que assim, não podia ser casada, né. A maior parte que tinha lá dentro, no tempo que eu trabalhava lá, não tinha casado. Depois teve, mas na época quando eu peguei não. Ai eu noivei, eles pegaram e falaram pra mim fazer o acordo. Eu casei em 81. É que de repente eu podia ter filho e incomodar. Ai peguei e fiz acordo, né. Eu não queria sujar minha carteira...<sup>34</sup>

Na narrativa de Salete, fica evidenciado como o fator biológico era utilizado pelas empresas para justificar e reduzir as mulheres ao espaço fabril tornando "natural" a diferença entre os sexos e o afastamento do trabalho em virtude do matrimônio e da maternidade. Como o sustento do lar era papel do homem, a mulher não tinha necessidade de trabalhar, pois o sustento da família seria garantido pelo trabalho do marido, "o chefe da casa". A mulher caberia apenas os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. Neste caso, ser demitida por causa do casamento e filhos, mesmo não sendo de forma explícita internalizava nestas mulheres que poderia "sujar a carteira", preocupação que a levou fazer o acordo com a empresa. Mas porque Salete não queria "sujar a carteira" levando-a a fazer um acordo com a empresa? O que fica implícito é o desejo desta mulher de voltar ao trabalho, de voltar ao espaço público e "sujar a carteira" poderia implicar em dificuldades de se inserir novamente no mercado de trabalho. Na narrativa de Salete podem estar implícito os projetos de muitas mulheres (conquistar o espaço público) contrariando um discurso biológico e naturalista.

Michelle Perrot, ao analisar os discursos utilizados para justificar uma diferença natural entre os sexos no século XIX diz:

É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas "espécies" com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.<sup>35</sup>

Quando o motivo não era o casamento, a saída da empresa acontecia em virtude da maternidade. Foi o caso de Solange Peruchi, trabalhadora durante 9 anos na Cerâmica Cecrisa, no período entre 1980 a 1989, nos setores de classificação e controle de qualidade. Depois que se casou e teve o primeiro filho, ela solicitou a saída do trabalho.

Ai eu ganhei meu menino e depois fui pra rua. Três meses depois fui pra rua. Eu que pedi pra ir pra rua. Eu deixava ele com a vizinha ali. Ai quando eu chegava de noite, eu acordava ele e ele não queria mais

---

<sup>34</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

<sup>35</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 177.

saber de mim. Ai eu vi que parece que eu ia perder o carinho dele, ai eu deixei.<sup>36</sup>

Ficam evidenciadas na narrativa de Solange as dificuldades encontradas por muitas mulheres na maternidade: de um lado sofrem a pressão da empresa para deixar o trabalho e por outro não se observa no período uma legislação de proteção as gestantes que possibilitasse sua permanência no trabalho e ao mesmo tempo garantisse o cuidado dos filhos.

### No Espaço Fabril

Sem rosto, sem corpo, a operária foi transformada numa figura passiva, sem expressão política nem contorno pessoal.<sup>37</sup>

Ao trazer a tona à história das operárias nas primeiras décadas do século XX, Margareth Rago expõe em seu artigo "Trabalho Feminino e Sexualidade" como estas trabalhadoras eram apresentadas na historiografia brasileira. Esta mesma situação exposta por Rago, encontrou-se ao estudar as trabalhadoras nas indústrias cerâmicas de Criciúma nas últimas décadas do século XX. Sabendo-se da sua presença significativa nas fábricas desde o final da década de 40, quando a cerâmica Cesaca empregava cerca de 140 operárias (os), sendo 89 homens e 51 mulheres,<sup>38</sup> estas trabalhadoras continuam invisíveis, como se não possuíssem "rosto, corpo, nem contorno pessoal."<sup>39</sup>

Na pesquisa realizada nos arquivos da Cecrisa revestimentos Cerâmicos, foi possível acessar as fichas de admissão das trabalhadoras, tanto da Cecrisa como da Cesaca. Através da análise de 68 fichas entre as décadas de 70 e 80, sendo 36 de mulheres e 32 homens, traçamos um perfil destas trabalhadoras, dando visibilidade e colocando essas mulheres na condição de sujeitos que atuaram, transformaram e resistiram às imposições do mundo do trabalho.

As trabalhadoras em sua grande maioria eram muito jovens, pertencentes à faixa etária dos 15 aos 20 anos, solteiras, com baixa escolaridade, moradoras de Criciúma ou cidades próximas (Siderópolis, Içara, Urussanga, Lauro Muller, Maracajá, Meleiro, Turvo, Tubarão e Laguna). Empregar mulheres jovens era uma prática das

---

<sup>36</sup> PERUCHI, Solange Machinski. Entrevista realizada em 02/09/06.

<sup>37</sup> RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Dei. (org.) *História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 579.

<sup>38</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica da Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002, p. 157.

<sup>39</sup> RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Dei. (org.) *História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 579.

cerâmicas. Na cerâmica Cesaca, por exemplo, no período que compreende as décadas de 40 a 60, a faixa etária era ainda menor, dos 14 aos 19 anos.<sup>40</sup>

Este perfil traçado pelas trabalhadoras permite entender as palavras de Terezinha ao contar como acontecia o processo seletivo de admissão nas indústrias cerâmicas. *“Eles não exigiam nada. Eles só diziam assim ó: Tu tem parente desempregado? Tenho. Então chama.”*<sup>41</sup>

Mesmo não tendo pré-requisitos como experiência e qualificação profissional, era necessário fazer um teste psicotécnico. *“Tinha que desenhar umas coisas, pra ver se tu eras rápida, depois tinha que desenhar pra ver se tinha cabeça boa. Passava pelo psicólogo. Passei tudo de uma só vez.”*<sup>42</sup> Entretanto, dependendo da necessidade de trabalhadoras este teste nem acontecia, somente preenchiam uma ficha com os dados pessoais e no outro dia já começavam a trabalhar. Foi o que aconteceu com Idene Barbosa, que trabalhou na Cecrisa Unidade I de 1989 a 1991, na função de auxiliar de escolha. *“Não fiz nada, nem exame médico. Fui num dia e no outro comecei a trabalhar. Foi tudo rápido porque eles estavam precisando”*.<sup>43</sup>

Outro aspecto relevante observado na pesquisa foi o tempo de permanência das trabalhadoras em seus postos de trabalho. Cerca da metade delas permaneceram menos de um ano nas indústrias, não sendo explicitado em suas fichas os motivos do desligamento do trabalho. O curto tempo de permanência no trabalho, associado aos pedidos de demissão, entre 36 trabalhadoras, 16 solicitaram a saída. Destarte não foram somente os fatores como o avanço tecnológico, pressão da empresa quando do casamento e a legislação de proteção a gestantes e maternidade que afastaram estas mulheres das indústrias, mas as difíceis condições de trabalho experimentadas por estas no cotidiano da fábrica.

As trabalhadoras eram contratadas para exercer funções de servente de escolha e de esmaltação. Os homens exerciam as funções de soldador, pedreiro, forneiro, eletricitista, servente de escolha e esmaltação. Enquanto os homens eram promovidos a encarregados de seção, mestres e supervisores, as mulheres eram promovidas ao setor de controle de qualidade, que fazia parte do setor de escolha, cuja função era averiguar se os azulejos estavam sendo classificados corretamente. As mulheres assumiam funções dentro das cerâmicas que construídas socialmente, condiziam com as características femininas.

---

<sup>40</sup> LUZ, Júlio César Alves da. PIC 170 de 2005. *Relatório de pesquisa*: Perfil formado pelas trabalhadoras das cerâmicas de Criciúma.

<sup>41</sup> GARCIA, Terezinha. Entrevista realizada em 04/06/06.

<sup>42</sup> GARCIA, Terezinha. Entrevista realizada em 04/06/06.

<sup>43</sup> BARBOSA, Idene Silvano. Entrevista realizada em 12/07/2006.

## "Mulher delicada, homem forte"

*"A mulher é mais delicada pra olhar aquelas coisas ali..."<sup>44</sup>; "A mulher olha as coisas e define melhor... Ela entende mais de decoração."<sup>45</sup> Referindo-se ao trabalho masculino "...eles eram operador de linha, assim mais no pesado. Naquela época o trabalho era mais para o homem porque era muito trabalhado mesmo, era muito braçal."<sup>46</sup> "...ai os rapazes na classificação achavam muito levinho aqueles azulejo. Não tinham paciência, ai foi onde eles começaram a colocar mulher."<sup>47</sup>*

Estes eram os discursos que permeavam as narrativas das mulheres entrevistadas para justificar a divisão de funções entre a mão-de-obra feminina e masculina dentro das cerâmicas. Visto que supostamente a mulher era mais "delicada" e "paciente", ela deveria executar tarefas mais fáceis e os homens que dispõem de maior força física, as tarefas mais difíceis.

Este era o discurso construído pelas empresas, era o critério utilizado pelas indústrias para determinar as funções que deveriam ser exercidas pelo sexo feminino e masculino. Nas fichas de admissão, foi encontrada uma requisição de pessoal, em que era solicitado um funcionário para exercer a função de forneiro. Os requisitos indispensáveis eram ter 1,70m de altura e ser forte.<sup>48</sup> Em outra requisição era solicitada uma funcionária para exercer a função de servente de escolha e os requisitos indispensáveis eram: ser dinâmica, ter boa visão e porte físico alto.<sup>49</sup> Como a função de forneiro exigia maior força física, esta deveria ser exercida por um homem. Já a função de escolha poderia ser exercida por uma mulher, pois supostamente não necessitava de força física, bastava apenas ser dinâmica, ter boa visão e ser alta.

Novamente observa-se o fator biológico sendo utilizado para a divisão sexual do trabalho. Nesta divisão sexual do trabalho, o que prevalece são as práticas sociais, ou seja, "as tradições de masculinização e feminização de tarefas se constitui às vezes por extensão de práticas masculinas e femininas' homens fazem trabalhos que exigem força, mulheres fazem trabalhos que reproduzem tarefas domésticas."<sup>50</sup>

Aparentemente o trabalho de escolha não exigia força física, mas na experiência vivida pelas trabalhadoras fica explícito que o trabalho exigia um esforço físico que estava além da "delicadeza feminina". A narrativa de Maria Salete contrapõe o discurso da "delicadeza feminina" quando relata sua atividade na função de escolha *"não era fácil. Porque era pesado. É bem difícil, porque a cada ano que ia passando, eles iam aumen-*

<sup>44</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

<sup>45</sup> BARBOSA, Idene Silvano. Entrevista realizada em 12/07/2006.

<sup>46</sup> GARCIA, Terezinha. Entrevista realizada em 04/06/06.

<sup>47</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

<sup>48</sup> Arquivo da Cerâmica Cecrisa, 1980.

<sup>49</sup> Arquivo da Cerâmica Cecrisa, 1986.

<sup>50</sup> LOBO, Elisabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense/SMC-SP, 1991, p. 152.

tando o tamanho dos azulejos."<sup>51</sup> Solange também conta como era este trabalho. "Era pesado, porque igual na escolha fria, se não tinha rapazes pra fechar, porque ali tu classificava e botava na caixa, né. Ai tinha aquele que fechava e tu botava nas pilhas e tinha que botar lá em cima e carregar caixa pesada que minha nossa..."<sup>52</sup> Observa-se nas narrativas destas trabalhadoras que o trabalho de escolha também exigia esforço físico. Além de segurar no braço uma grande quantidade de azulejos para classificar e carregar as caixas pesadas caso não houvesse encaixotador, elas trabalhavam oito horas diárias em pé e suportavam um forte calor que no verão chegava a 45° dentro da fábrica, pois a escolha ficava próxima ao forno.

Mesmo com o avanço tecnológico a situação descrita pelas trabalhadoras não se alterou. Com as novas tecnologias os azulejos passavam por um processo de resfriamento e saíam dos fornos em esteiras, mesmo assim as mulheres ainda precisavam enfaixar as pontas dos dedos com esparadrapo porque o calor provocava queimaduras. O trabalho ainda era feito em pé e tinham que organizar os azulejos conforme a classificação para ser encaixotado. Estas condições de trabalho são lembradas por Idene que diz:

Quando comecei era 15x15, depois foi o 15x30. Era uma praga de pesado. A gente trabalhava com esparadrapo nos dedos porque os azulejos eram quentes. No verão fazia 45° lá dentro, porque a gente trabalhava perto do forno...Era serviço pesado, mas já trabalhei até na roça.<sup>53</sup>

Essas narrativas são elucidativas de que o trabalho na escolha estava distante de ser apropriado a "delicadeza feminina" e certamente contribuiu para o pedido de demissão de muitas funcionárias. As mesmas condições de trabalho eram sentidas pelos trabalhadores. De acordo com a ficha de admissão de um funcionário da Cericrisa, ele também exercia a função de auxiliar de escolha, mas no período noturno e solicitou a saída alegando ter perdido 10 kg em apenas 30 dias de trabalho.

O exposto leva-nos a refletir sobre a noção de trabalho "leve" ou "pesado" perpassando a definição dos papéis atribuídos a homens e as mulheres e que independe do esforço dispensado na execução de determinada tarefa. Desta maneira, "o que qualifica o trabalho "leve" é quem o faz e não necessariamente o esforço despendido. O que define como "pesado" ou "leve" é o sexo de quem realiza a tarefa."<sup>54</sup>

Isto significa dizer que não se requisitava "força" para a função de escolha dos azulejos porque em sua maioria era realizado por mulheres. O senhor Itaci de Sá, presidente do Sindicato das trabalhadoras e trabalhadores, ao ser indagado acerca da

<sup>51</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

<sup>52</sup> PERUCHI, Solange Machinski. Entrevista realizada em 02/09/06.

<sup>53</sup> BARBOSA, Idene Silvano. Entrevista realizada em 12/07/2006.

<sup>54</sup> CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002, p. 39.

definição da mão-de-obra feminina e masculina, justificava o trabalho na escolha para as mulheres dizendo:

... na escolha era quase que 70% de mulheres porque na classificação, só a noite que trabalhava homens, das 10 as 6 da manhã, das 22 as 6. Durante o dia já era mulher, porque a mulher tem mais habilidade, mais sensibilidade na classificação. Tem que ter sensibilidade....<sup>55</sup>

O que fica inteligível retomando novamente ao conceito de gênero e analisando o discurso do presidente do sindicato (em que as mulheres possuem "habilidade, sensibilidade e delicadeza"), estes não são naturais e sim resultam de uma construção social que define socialmente o comportamento e as características apropriadas ao feminino e ao masculino. Nascer do sexo feminino ou masculino refere-se a um aspecto biológico, mas as implicações do ser feminino ou masculino, que inclui os papéis normativos apropriados às mulheres e aos homens se referem à categoria gênero, que aponta para uma construção social.

Mesmo com os discursos de que as mulheres possuíam "habilidade, sensibilidade e delicadeza" a experiência concreta destas trabalhadoras dentro das cerâmicas foi de duras condições de trabalho. Concretamente exerceram atividades repetitivas, pesadas e insalubres.

### **"Funcionárias desobedientes e indisciplinadas..."**

Levo ao conhecimento que as funcionárias Francisca Desidere e Dorilda da Silva não estão correspondendo nas suas tarefas. São funcionárias desobedientes e indisciplinadas, sendo que por inúmeras vezes foram advertidas, censuradas, a que ignoravam totalmente debochando, ou retrucando com trejeitos de gosação sendo impossível tal comportamento devido as dificuldades por elas causadas, entre o bom relacionamento mestre x funcionário, sabedor que as devidas providências serão tomadas, agradeço.<sup>56</sup>

Analisando as fichas de admissão das trabalhadoras e trabalhadores da Cecrisa e da Cesaca, encontramos esta comunicação em que o mestre da esmaltadeira levou ao conhecimento do supervisor o suposto "mau comportamento" das funcionárias. Era comum o uso de "Comunicação Interna" para informar ao Setor Pessoal sobre folgas, atestados médicos, suspensões e "mau comportamento". Além disso, utilizava-

---

<sup>55</sup> SÁ, Itaci de. Entrevista realizada pelo Grupo de Pesquisa História Econômica do Sul Catarinense (UNESC), em agosto de 2003.

<sup>56</sup> Arquivo da cerâmica Cecrisa, 1978.

se a carta de advertência, como a que foi assinada por uma funcionária em virtude da falta de atenção na escolha dos azulejos. Nela era solicitada uma "advertência severa".

Tendo em vista V.S. ter praticado erros na Classificação de azulejos, prejudicando seriamente no bom andamento dos trabalhos, resolvemos por este motivo, ADVERTI-LA, severamente. Esperamos que falhas dessa natureza, não mais voltam a ocorrer, pois, do contrário, seremos forçados a bem da ordem e da disciplina, a tomar medidas mais severas, medidas estas que nos são facultadas por lei. Cecrisa Cerâmica Criciúma S/A Seção Pessoal.<sup>57</sup>

As duas citações apontam para as formas de controle empreendidas pelas indústrias e as estratégias de resistência articuladas pelas trabalhadoras. Esta resistência nem sempre acontecia de forma organizada, mas sutilmente, seja debochando, retrucando, ignorando as ordens de seus superiores ou exercendo com desatenção sua função, as trabalhadoras procuravam opor-se às práticas de controle utilizadas no cotidiano das fábricas. Isto é o que Thompson chamou de "formas simbólicas de dominação e resistência."<sup>58</sup>

Uma delas relacionava-se ao uso do banheiro. Solange lembra que era comum sair para usar o banheiro e ficar além do tempo estipulado de 10 minutos.

O banheiro só, era de duas em duas, né, tinha que olhar. Na escolha fria tu via tudo. Era tudo aberto, né, ai tu tinha que notar se tinha muita no banheiro. Era duas, três por vez, só. Ai tinha aquele tanto. O encarregado acho que via quanto tempo ficava. O certo não era ficar muito tempo. Elas sentavam pra descansar, enrolar...<sup>59</sup>

Demorar no banheiro era uma das maneiras de não se submeter e resistir ao controle. Maria Salete recorda que *"... se a gente queria às vezes ir no banheiro, tinha que pegar ficha também. Não podia chegar e sair e a hora era marcada. Era tudo vigiadinho."*<sup>60</sup> Como resposta as mulheres transgrediam extrapolando o tempo permitido para o uso do banheiro.

Enquanto algumas trabalhadoras resistiam e transgrediam as regras estabelecidas pelas empresas, outras como Idene, procuravam exercer corretamente sua função, para não levar advertência ou suspensão.

...Depois vinha o controle de qualidade, colocava num painel pra ver a qualidade. Se era A, tinha que ser A, se não já ia lá pra mesa do

<sup>57</sup> Arquivo da Cerâmica Cecrisa, 1974.

<sup>58</sup> THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981, p. 189.

<sup>59</sup> PERUCHI, Solange Machinski. Entrevista realizada em 02/09/06.

<sup>60</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.



encarregado. Se tivesse três ou quatro reclamação já levava advertência. A gente assinava uma folha. Se tivesse três ou quatro, era suspensão do serviço.<sup>61</sup>

A preocupação com a suspensão do trabalho forçava muitas mulheres a cumprir com todas as regras impostas. Do contrário significaria receber um salário menor no fim do mês trabalhado ou até mesmo a perda do emprego. "Pode-se dizer que tanto a submissão quanto à revolta são disposições que orientam práticas de subserviência e de recusa, respectivamente, mas com a finalidade de não ser explorado nas relações de trabalho."<sup>62</sup>

Em tais condições, ficar além do tempo permitido no banheiro, classificar repetidas vezes erradamente os azulejos, "desobedecer" as advertências dos seus chefes ou exercer corretamente sua função, todas eram meios de resistir às adversidades impostas ao seu trabalho.

No que tange ao relacionamento entre as trabalhadoras e seus superiores se davam através de estratégias de controle e resistência, mas quando não era estabelecida uma hierarquia de chefia entre homens e mulheres, o relacionamento era bom. Como relata Terezinha:

Era tudo igual, não tinha diferença. Pra nós a gente era tudo uma família. Se um tinha problema todo mundo sabia, todo mundo se ajudava. Se saía uma festa, todo mundo ia. No dia do pagamento era uma festa, todo mundo se encontrava no barzinho. Isso era lei. Ai eu ia ao escritório, conversava com os rapazes, com as gurias, tudo amigo.<sup>63</sup>

Entretanto, se houvesse uma hierarquia, como acontecia no setor de escolha a qual pertencia o controle de qualidade, o relacionamento mudava. Conforme as lembranças de Solange:

Quando eu fui chamada para o controle de qualidade eu não aceitei. Não sei se é porque eu nunca gostei de revisar o que os outros fazem, pra depois ficar olhando atravessado, não tem? Ai, um ano depois me chamaram e eu passei. Foi um bom tempo pra acostumar. No começo elas já saíam fora, as amigas foram se separando. Elas achavam assim, que por causa da amizade, ai tu vai deixar passar o que ta errado, não pode, não é?<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> BARBOSA, Idene Silvano. Entrevista realizada em 12/07/2006.

<sup>62</sup> VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pira humana, os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 1984, p. 74.

<sup>63</sup> GARCIA, Terezinha. Entrevista realizada em 04/06/06.

<sup>64</sup> PERUCHI, Solange Machinski. Entrevista realizada em 02/09/06.

O que se observa nas narrativas das trabalhadoras é que as dificuldades de relacionamento aconteciam não somente entre homens e mulheres, mas sempre que se estabelecia uma hierarquia de chefia, neste caso, entre mulheres. Essas narrativas contribuem também para contrapor o discurso da divisão sexual naturalizada atribuída pelos patrões e explicitam uma pluralidade nos relacionamentos entre homens e mulheres no espaço fabril.

Outro aspecto importante a ressaltar é a imagem que mestres, encarregados e supervisores tinham de muitas trabalhadoras, observados através da análise das fichas de admissão: desobedientes, indisciplinadas, desatentas, agressivas. Na historiografia é possível encontrar diversas imagens produzidas acerca das trabalhadoras. "Frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e 'indesejáveis' para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e 'degeneradas' para os médicos e juristas..."<sup>65</sup>.

Todas estas imagens demonstram que as trabalhadoras, desde o início do século XX, procuraram de diversas maneiras opor-se ao que lhes era imposto. No "chão da fábrica" elas "recusaram, alteraram e recriaram muitos dos significados e das práticas que os dirigentes pretenderam impor ao mundo do trabalho."<sup>66</sup>

### **A relação com o sindicato**

Oh, naquela época a gente até achava que trabalhava, mas depois, assim com o tempo, eu não sei. Como é que eu vou te dizer, a gente passou a não acreditar mais. Eu pagava, mas eu não acreditava tanto. Depois de uns cinco anos, teve uma época do pagamento desse mesmo dissídio coletivo, que eu fiz quarenta e oito dias de greve e eu perdi uma férias inteira. Quer dizer e não ganhamos nada. Eu vi que era um sistema que não dava certo. Ai muitos dizem que foi por culpa do sindicato. O sindicato ajuda mais o patrão do que os funcionários.<sup>67</sup>

Quando indagada acerca da atuação do sindicato representante da categoria ceramista, Terezinha demonstra em sua narrativa, insatisfação e desconfiança sobre o papel desempenhado pelo sindicato na luta e defesa dos direitos da categoria, associando-o como instituição a serviço dos interesses dos proprietários das indústrias cerâmicas. O mesmo pode ser percebido na narrativa de Idene ao contar como ocorreu o processo de fechamento da Unidade 1 da Cecrisa.

---

<sup>65</sup> RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Dei. (org.) *História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 579.

<sup>66</sup> RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Dei. (org.) *História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 604.

<sup>67</sup> GARCIA, Terezinha. Entrevista realizada em 04/06/06.

Sai do serviço 10:00 horas da noite e no outro dia chegamos as 2:00 da tarde e tava fechado. No outro dia fomos pro sindicato e fizemos passeata no centro pra tentar voltar ao serviço. Ai fizeram uma reunião com nós, os grande lá e disseram que iam acertar tudo com nós. A Cecrisa tava fechando e não tinha mais condições de abrir. No final parece que o sindicato foi comprado pela empresa. Só disseram que tinha que ir lá pra acertar. Parece que eles quiseram interferir, mas a empresa e o sindicato deveriam ter avisado.<sup>68</sup>

Observa-se que tanto Terezinha como Idene consideravam o sindicato ineficiente na defesa dos interesses da categoria. Esta atuação sindical indicado nas falas das trabalhadoras é conhecida na historiografia sobre o mundo do trabalho de "peleguismo", sendo o Sindicato apenas um "mediador nos conflitos e não o órgão de defesa dos interesses da categoria."<sup>69</sup> No entanto, percebe-se através de suas falas como se dava à participação feminina no sindicato. Elas participavam de movimentos de greve, passeatas, de assembléias "... *naquele tempo nós participava da assembléia que eles faziam dali que iam lá pra pedir aumento...*"<sup>70</sup>, e atuavam como suplentes cuja função D. Maria Salete explicou. "*A gente era suplente, né. Tu fica um certo tempo, porque eles queriam uma pessoa lá de dentro pra dar notícia pro sindicato. Muitas vezes nem a chefia sabia quem era. Eu fui duas vezes na Cecrisa.*"<sup>71</sup> Estas notícias referiam-se ao descumprimento por parte das indústrias de leis trabalhistas, como o trabalho feminino no período noturno entre as 22:00 horas até as 6:00 horas da manhã e o não pagamento de horas extras.

Na ata da assembléia geral do Sindicato da categoria, encontra-se na cláusula 15 uma reivindicação referindo-se às trabalhadoras: "15 – ESTABILIDADES ESPECIAIS – Será garantida a estabilidade no emprego nas seguintes condições: a) empregada gestante, desde a concepção até 120 (cento e vinte) dias após o término do benefício previdenciário."<sup>72</sup> Em nenhuma outra cláusula, encontra-se referência específica à mão-de-obra feminina. Considerando que esta cláusula referia-se a um direito já garantido por lei, o Sindicato não fez nenhuma reivindicação específica relativo às condições de trabalho das mulheres na fábrica.

Na experiência vivida, no entanto, as reivindicações femininas estavam além do pedido de estabilidade a gestantes e garantia de licença maternidade. A participação feminina nos movimentos organizados pelo sindicato reivindicava aumento salarial e a garantia dos postos de trabalho. Estas reivindicações, não obstante, estava vinculada a categoria como um todo. Não se observa em suas falas, uma reivindicação

---

<sup>68</sup> BARBOSA, Idene Silvano. Entrevista realizada em 12/07/2006.

<sup>69</sup> VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita humana, os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 1984, p. 135.

<sup>70</sup> PERUCHI, Solange Machinski. Entrevista realizada em 02/09/06.

<sup>71</sup> BUDNY, Maria Salete Cachoeira. Entrevista realizada em 10/06/2006.

<sup>72</sup> Ata da Assembléia Geral do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário de Criciúma realizada em 1987.

específica, como por exemplo, melhorias de suas condições de trabalho, mas participavam de atividades organizadas pelo Sindicato, mesmo sendo esta uma relação de incredulidade na capacidade de defesa dos direitos da categoria em sua totalidade.

Por fim, as narrativas das trabalhadoras explicitam alguns aspectos da relação com o Sindicato: a) Mesmo não confiando no seu Sindicato participavam das lutas; b) fizeram parte da diretoria na condição de suplentes; c) não havia uma pauta de reivindicações específicas para as mulheres; d) as reivindicações estavam vinculadas à categoria como um todo, dado que contrapõe a diferenciação “naturalizada” entre os sexos enunciadas nos discursos dos patrões.

*Artigo recebido em 05 de abril de 2012.*

*Aprovado em 21 de novembro de 2012.*